

# GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 43

## PORTUGUÊS 11.º ANO

### Tema 8: Frase complexa e tipos de orações



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A  
APRENDIZAGEM?



## PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Desafiamos-te a identificar e classificar orações subordinadas em diferentes tipos de textos, recorrendo a raciocínio lógico para resolução de problemas relacionados com a análise sintática.

Aplica e mobiliza conhecimentos gramaticais para o processo de leitura, ao mesmo tempo que te familiarizas com itens de exame nestes domínios.



## O QUE VOU APRENDER?

### **NO DOMÍNIO DA LEITURA:**

- Ler em suportes variados textos de diferentes graus de complexidade argumentativa dos géneros seguintes: discurso político, apreciação crítica e artigo de opinião.

### **NO DOMÍNIO DA ESCRITA:**

- Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.

### **NO DOMÍNIO DA GRAMÁTICA:**

- Explicitar o conhecimento gramatical relacionado com a articulação entre constituintes e entre frases.



## COMO VOU APRENDER?

GTA 42: Sei identificar e articular orações?

GTA 43: Como resolvo exercícios de avaliação sobre orações?

## Tema 8: Frase complexa e tipos de orações



## GTA 43: Como resolvo exercícios de avaliação sobre orações?

**Objetivos:**

- Responder a itens de avaliação, aplicando conhecimentos sobre frase complexa e tipos de orações em novos contextos.
- Explicitar pensamento lógico sobre a sintaxe apoiado em conhecimento prévio.
- Mobilizar conhecimento gramatical para o processo de leitura.
- Monitorizar progressos e resolver dificuldades no domínio da gramática.

**Modalidade de trabalho:** individual ou em pequenos grupos.

**Recursos e materiais:** caderno e *internet*.



Este GTA tem 3 etapas que implicam raciocínio lógico complexo e mobilização de conhecimento sintático para resolução de exercícios típicos de exame. Não precisas de realizar as 3 etapas de seguida. Podes realizar ETAPA 1 num dia, ou no final de uma aula, a ETAPA 2, num outro momento e, por fim, a ETAPA 3. A decisão é tua e dependerá da motivação e da confiança que sentires em relação às aprendizagens em foco.

**ETAPA 1 – Texto A**

Lê o texto transcrito de uma Prova de Exame Nacional de Português do IAVE.

Olhar o céu numa noite escura, longe de cidades e regiões densamente povoadas, revela um manto escuro densamente estrelado ao qual é difícil ficar indiferente (até um robô deve ficar fascinado). Um espetáculo de uma simplicidade profunda, mas que cada vez menos pessoas têm a oportunidade de ver, pelos mais variados motivos. Sobretudo em Portugal, um dos países do mundo com maior poluição luminosa, que se tem vindo a acentuar cada vez mais.

Nos centros urbanos, e nos subúrbios, é hoje praticamente impossível vermos a nossa própria casa celeste, a Via Láctea. Isso leva a algo estranho e paradoxal. O progresso por vezes frenético da ciência e do conhecimento em geral leva-nos hoje à ideia mais nítida de sempre sobre de onde vimos, como chegámos aqui, e do nosso lugar no Universo. No entanto, nunca tantas e tantos de nós estiveram tão distantes de conseguir olhar e ver o céu na sua plenitude. O céu, de onde vimos, para onde tudo o que nos compõe acabará por voltar, ainda que faltem milhares de milhões de anos. Olhar o céu é apontar em direção às nossas origens cósmicas, mas nunca tantos de nós irão viver sem ver o céu plenamente estrelado durante tantas noites ao longo das suas vidas. Nunca tantos de nós dirigiram o olhar maioritariamente para baixo. Um olhar focado em pequenos ecrãs que operamos com as nossas mãos e que



nos tornam por vezes cada vez mais isolados. Num mundo que é cada vez mais global, mas por vezes tão conectadamente desconectado.

20 A nossa viagem em busca das nossas origens, olhando ou não o céu, parece ter começado muito, muito cedo. Desde então, descobrimos que não somos nem estamos de todo no centro do mundo, do Universo. O Universo é de tal forma imenso que, em comparação, somos total e completamente insignificantes, espacial e temporalmente. Somos total e brutalmente insignificantes.

25 Surpreendentemente, ainda nos socorremos de argumentos falsos mas convenientes. Coisas que nos dizem que, afinal, somos mesmo muito importantes. Potencialmente eternos, especiais. O céu, na sua beleza e grandiosidade, mas sobretudo na sua capacidade para nos manter humildes e individualmente irrelevantes, é ainda a melhor ferramenta para nos apercebermos do quão ligados estamos. Estamos ligados uns aos outros, ao nosso planeta, ao sistema solar, à nossa galáxia. Paradoxalmente, olhar o céu e estudar o Universo é uma das formas mais profundas e eficazes de nos valorizarmos humanamente no contexto da vida  
30 na Terra. Um planeta único, belo, frágil. Tudo, sem inflamar demasiado o ego e sem termos a mania de que somos demasiado bons.

David Sobral, *Qual É o Nosso Lugar no Universo?*, Lisboa, Planeta, 2022, pp. 21-22.  
[Prova de Exame Nacional de Português, 2023, 1.ª fase, Grupo II, IAVE, p. 6.](#)

**Lê** com atenção o item de escolha múltipla.

1. Tal como em «que não somos nem estamos de todo no centro do mundo, do Universo» (linhas 19 e 20), está presente uma oração subordinada substantiva completiva em

- (A) «de onde vimos» (linha 9).
- (B) «ainda que faltem milhares de milhões de anos» (linhas 11 e 12).
- (C) «que operamos com as nossas mãos» (linha 15).
- (D) «que, afinal, somos mesmo muito importantes» (linha 24).<sup>1</sup>

**Acompanha** este raciocínio de 3 passos, antes de responderes.

**1** As orações substantivas completivas são introduzidas por conjunções completivas («que», «se» ou «para») e desempenham funções de sujeito ou complemento de verbos ou nomes da subordinante.

**2**

As orações das alíneas (A) e (B) não são introduzidas por conjunções subordinativas completivas («de onde» é pronome relativo antecedido de preposição; «ainda que» é uma locução concessiva), logo posso descartar essas opções.

**3** Quando vou ao texto, verifico que, na oração da alínea (C), o «que» também não é uma conjunção completiva, pois trata-se de um pronome relativo que tem um nome antecedente ao qual se refere - «ecrãs (linha 15) - , por isso é uma oração adjetiva relativa.



**Responde**, agora, ao item de escolha múltipla, selecionando a opção correta.

<sup>1</sup> Item 6 do Grupo II da Prova de Exame Nacional de Português, 1.ª fase, 2023, IAVE, p. 7.



Lembra-te de que deves ir ao texto, nas linhas indicadas, enquadrar a oração no seu contexto.

**Lê** com atenção o item de escolha múltipla sobre o texto e **seleciona** a opção adequada.

2. A oração «de que somos demasiado bons» (linha 31) é uma oração subordinada

- (A) substantiva completiva com função de complemento do nome.
- (B) substantiva completiva com função de complemento oblíquo.
- (C) adjetiva relativa restritiva com função de modificador do nome.
- (D) substantiva relativa com função de complemento do nome.

**Verifica** se a tua resposta está correta seguindo os 3 passos deste raciocínio.

**1** A oração é iniciada por uma preposição - «de», seguida de um «que». Verifico que a preposição é exigida pelo nome «mania», pois é mania de «qualquer coisa» (ex: mania das grandezas), logo a oração tem a função de complemento do nome.

**2** O «que», neste caso, não é um pronome relativo (não se refere a um nome antecedente), logo a oração não é adjetiva relativa.

**3** O «que» é uma conjunção completiva, pois introduz um complemento do nome com a forma de oração substantiva completiva.



## ETAPA 2 – Texto B

**Lê** o texto transcrito de uma Prova de Exame Nacional de Português do IAVE.

É-nos dito e repetido que o tempo bem aproveitado é um contínuo, tendencialmente ininterrupto, que devemos esticar e levar ao limite. A maioria de nós vive nessa linha de fronteira, em esforçada e insatisfeita cadência, a desejar, no fundo, que a vida seja o que ela não é: que as horas do dia sejam mais e maiores, que a noite não adormeça nunca, que os fins de semana cheguem para nos salvar a face diante de tudo o que fica adiado.

Quantas vezes damos por nós a concordar automaticamente com o lugar-comum: «precisava que o dia tivesse quarenta e oito horas» ou «precisava de meses de quarenta dias». Desconfio que não seja disso exatamente que precisamos. Bastaria, aliás, reparar nos efeitos colaterais das nossas vidas sobreocupadas, no que fica para trás, no que deixámos por dizer ou acompanhar. Sem darmos bem conta, à medida que os picos de atividade se agigantam, as nossas casas vão-se assemelhando a casas devolutas, esvaziadas de verdadeira presença; a língua que falamos torna-se incompreensível como uma língua sem falantes no mundo mais próximo; e, mesmo que habitemos a mesma geografia e as mesmas relações, parece que, de repente, isso deixou de ser para nós uma pátria e se tornou uma espécie de terra de ninguém.



15 O ponto de sabedoria é aceitar que o tempo não estica, que ele é incrivelmente breve e que, por isso, temos de o viver com o equilíbrio possível. Não nos podemos iludir com a lógica das compensações: que o tempo que roubamos, por exemplo, às pessoas que amamos procuraremos devolvê-lo de outra maneira, organizando um programa ou comprando-lhes isto e aquilo; ou que o que retiramos ao repouso e à contemplação vamos tentar compensar numas  
20 férias extravagantes. A gestão do tempo é uma aprendizagem que, como indivíduos e como sociedade, precisamos de fazer.

Nisto do tempo, por vezes, é mais importante saber acabar do que começar, e mais vital suspender do que continuar. [...] Isso implica, não raro, um exercício de desprendimento e de pobreza. Aceitar que não atingimos todos os objetivos a que nos tínhamos proposto. Aceitar  
25 que aquilo aonde chegamos é ainda uma versão provisória, inacabada, cheia de imperfeições. Aceitar que nos faltam as forças, que há uma frescura de pensamento que não obtemos mecanicamente pela mera insistência. Aceitar porventura que amanhã teremos de recomeçar do zero e pela enésima vez.

30 Creio que o momento de viragem acontece quando olhamos de outra forma para o inacabado, não apenas como indicador ou sintoma de carência, mas como condição inescusável do próprio ser. Ser é habitar, em criativa continuação, o seu próprio inacabado e o do mundo.

José Tolentino Mendonça, «A arte do inacabado», in *Que Coisa São as Nuvens*, Paço de Arcos, Expresso | Impresa Publishing, 2015, pp. 35-36.

[Prova de Exame Nacional de Português, 2024, 2.ª fase, Grupo II, p. 6, IAVE.](#)

**Lê** com atenção o item de escolha múltipla sobre o texto.

1. Todas as orações abaixo identificadas são subordinadas substantivas completivas, **exceto**

- (A) a oração iniciada por «que» na linha 7.
- (B) a oração iniciada por «que» na linha 20.
- (C) a oração iniciada por «que» na linha 27.
- (D) a oração iniciada por «que» na linha 29.<sup>1</sup>



Lembra-te de que deves analisar as orações no seu contexto, através das linhas que são indicadas.

Antes de responderes, **segue** o raciocínio seguinte e **completa** os espaços com palavras ou expressões adequadas.

**1** As orações subordinadas iniciadas por um «que» podem ser substantivas completivas ou adjetivas relativas, sendo que no primeiro caso desempenham funções de sujeito ou de complemento e, no segundo, funções de modificador do nome (restritivo ou apositivo), pois o «que» relativo refere-se a um \_\_\_\_ (a) \_\_\_\_.

**2** Na primeira opção (linha 7), a oração iniciada por «que» complementa o verbo transitivo «\_\_\_\_ (b) \_\_\_\_», na terceira e na quarta opções (linha 27 e linha 29) as orações iniciadas por «que» são o complemento direto dos verbos «\_\_\_\_ (c) \_\_\_\_» e «\_\_\_\_ (d) \_\_\_\_», respetivamente. Portanto, estas orações são orações substantivas completivas.

<sup>1</sup> Item 7 do Grupo II da Prova de Exame Nacional de Português, 2024, 2.ª fase, p. 8, IAVE.



**3** O caso da segunda opção (linha 20) é diferente, pois a oração é iniciada por um «que» que é um \_\_\_\_ (e)\_\_\_\_, que se refere ao nome «aprendizagem», logo trata-se de uma oração \_\_\_\_ (f)\_\_\_\_ com a função de modificador do nome.



**Responde**, agora, ao item 1 de escolha múltipla, selecionando a opção correta.

Lê com atenção o item 2. de escolha múltipla sobre o texto e **seleciona** a opção adequada.



2. A oração «mesmo que habitemos a mesma geografia e as mesmas relações» (linha 13) é uma oração subordinada
- (A) adverbial temporal que pode ser iniciada pela expressão «logo que» em vez de «mesmo que», sem se alterar o seu sentido.
  - (B) adjetiva relativa que pode ser iniciada pelo advérbio relativo «onde» em vez de «mesmo que», sem se alterar o sentido.
  - (C) adverbial concessiva que pode ser iniciada pela conjunção «embora» em vez de «mesmo que», sem se alterar o sentido.
  - (D) substantiva relativa que pode ser iniciada pelo pronome «quem» em vez de «mesmo que», sem se alterar o seu sentido.

**Verifica** se a tua resposta está correta seguindo os 4 passos do raciocínio seguinte e completando os espaços em branco com palavras ou expressões adequadas.

- 1** A oração transcrita da linha 13 não é uma oração adjetiva relativa, porque não tem a mesma função que um \_\_\_\_ (a)\_\_\_\_ (modificador de um nome) nem pode ser iniciada por pronome, determinante ou advérbio \_\_\_\_ (b)\_\_\_\_.
- 2** A oração subordinada em causa não é uma oração adverbial temporal, porque não está a introduzir uma informação \_\_\_\_ (c)\_\_\_\_ em relação à ideia expressa na subordinante «parece que...», ou seja, não posso substituir a locução «mesmo que» por «quando» ou «logo que».
- 3** A oração subordinada não é uma oração substantiva relativa, porque não desempenha uma função sintática típica de um grupo nominal, nem é introduzida por um pronome ou advérbio \_\_\_\_ (d)\_\_\_\_.
- 4** A oração subordinada é uma oração \_\_\_\_ (e)\_\_\_\_, porque modifica o sentido da subordinante «parece que...», acrescentando uma ideia de impedimento ou de contrariedade e poderíamos substituir «mesmo que» pela conjunção «embora».



### ETAPA 3 – Texto C

A linguagem humana, baseada em símbolos, é inseparável da autoconsciência, pelo menos no sentido de que a única espécie de animais plenamente conscientes de si próprios, a nossa, é também a única espécie simbólica e linguística. Pelo mesmo motivo, ficamos sem resposta à pergunta de saber se pode existir raciocínio sem a linguagem humana (o contrário é impossível). É difícil ir mais longe, mas também é difícil imaginar uma espécie em que as duas propriedades, a comunicação baseada em símbolos e o pensamento racional, não estejam unidas. Pode raciocinar-se sem palavras? Não é o pensamento, precisamente, um monólogo interior?

Todos os animais comunicam entre si, mas só nós é que o fazemos por meio de símbolos, ou seja, de símbolos arbitrários (fruto do capricho e da invenção) que só são entendidos pela comunidade que os usa e que são incompreensíveis para os restantes, porque não são universais como os instintos. O mesmo é válido tanto para os sons (fonemas) que significam alguma coisa (uma palavra falada), como para uma estrela de cinco pontas no código militar, a borla dos doutorados numa cerimónia académica ou a aliança de casamento na vida social (pelo menos no Ocidente). Nenhum destes sinais está inscrito no nosso genoma. Para codificar conceitos, um objeto de adorno é o mesmo que um ritual fúnebre, uma obra de arte ou um idioma (os objetos de adorno e a arte paleolítica não se criaram para causar uma impressão estética no observador, ou não apenas para isso, mas para comunicar e partilhar ideias).

Cada um de nós, seres humanos, utiliza o nosso idioma, o da nossa comunidade linguística, quando mantemos conversas digitais, em *chats*, mas recorremos com frequência, o que é curioso, aos *emoticons* para conseguirmos que realmente nos compreendam. E estes ícones são internacionais e valem para todos os países. Não estão em inglês, espanhol, árabe ou chinês. Sem os *emoticons* perdem-se *nuances* importantes, como a ironia, o enfado, a simpatia, a cumplicidade, o amor, o humor, o pesar, etc. São os melhores veículos, mais eficazes e mais seguros, para transmitir emoções, mais do que as palavras escritas. Substituem as inflexões do tom de voz e a linguagem corporal que se perdem num chat. Ninguém é capaz de estar a falar durante muito tempo num tom neutro sem mexer um músculo, numa conversa em pessoa.

Olhe, leitor, para um quadro de *emoticons*. Verá que muitos deles correspondem a expressões faciais. Toda a gente os percebe, talvez por se terem generalizado com o uso dos telemóveis e de outros dispositivos, mas também, seguramente, porque fazem parte do património biológico da espécie e estão, como se costuma dizer, nos nossos genes (todos os seres humanos choram quando estão tristes). Pode ver-se assim como a biologia e a cultura convivem e se complementam nos seres humanos. Cada comunidade fala o seu idioma (a cultura), mas todos usamos os mesmos *emoticons* (a biologia).

Juan Luis Arsuaga, *Vida, a Grande História – Uma Viagem pelo Labirinto da Evolução*, Lisboa, Temas e Debates, 2021, pp. 450-451.

[Prova de Exame Nacional de Português, 2023, EE, Grupo II, IAVE, p. 7.](#)

**Analisa** atentamente as seis orações subordinadas sublinhadas no texto.



**Classifica** cada uma das seis orações assinaladas no texto, mobilizando os conhecimentos que possuiis.

**Junta-te** com colegas em grupo e, à vez, **justifiquem** as vossas repostas e **explicitem** o raciocínio que utilizaram para classificar cada uma das seis orações.



## PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

### ETAPA 1 – Texto A

**Respostas:** 1. (D); 2. (A)

### ETAPA 2 – Texto B

**Respostas:**

1. (B);

Preenchimento de espaços:

(a) nome/antecedente; (b) «precisava»; (c) «Aceitar»; (d) «Creio»;  
(e) pronome relativo; (f) adjetiva relativa

2. (C)

Preenchimento de espaços:

(a) adjetivo; (b) relativo; (c) de tempo/temporal; (d) relativo; (e) adverbial concessiva

### ETAPA 3 – Texto C

**Respostas:**

- 1 Substantiva completiva (iniciada pela conjunção completiva «se» e com a função de complemento direto do verbo da subordinante - «saber»).
- 2 Adjetiva relativa restritiva (introduzida por pronome relativo antecedido de preposição, «em que», e com a função de modificador do nome «espécie»).
- 3 Adjetiva relativa restritiva (introduzida por pronome relativo «que» e com a função de modificador do nome - «comunidade» - restritivo).
- 4 Substantiva completiva (introduzida pela conjunção completiva «que» e com a função de complemento direto do verbo «conseguirmos»).
- 5 Adjetiva relativa restritiva (introduzida por pronome relativo «que» e com a função de modificador apositivo do grupo nominal «as inflexões do tom de voz e a linguagem corporal»).
- 6 Substantiva completiva (introduzida pela conjunção completiva «que» e com a função de complemento direto do verbo «verá»).



## O QUE APRENDI?

**Consegues resolver** exercícios de avaliação sobre orações?

**És capaz de...**

- responder a itens de avaliação, aplicando conhecimentos sobre frase complexa e tipos de orações em novos contextos?
- explicitar pensamento lógico sobre a sintaxe apoiado em conhecimento prévio?
- mobilizar conhecimento gramatical para o processo de leitura?
- monitorizar progressos e resolver dificuldades no domínio da gramática?

Ainda **sentes** dificuldades?

**Sugestão:**

**Explora** os recursos interativos sobre orações subordinadas e **realiza** as atividades neles propostas.



[Recurso interativo «Orações subordinadas adjetivas relativas». Estudo Autónomo.](#)



[Recurso interativo «Orações subordinadas substantivas». Estudo Autónomo.](#)



## COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

**Consulta** o Grupo II de algumas Provas Nacionais de Exame de Português do Ensino Secundário e **resolve** outros itens de leitura e gramática (aqueles relacionados com matérias que já estudaste) neles apresentados.



[Arquivo de Provas e Exames Finais de Ensino Secundário. In IAVE.](#)